

# **SOBRE ANÁLISES QUALITATIVAS DE SESSÕES DE ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIAL**

Profª Josefina Daniel Piccino - SOB RAPHE

## **Resumo**

Este trabalho diz respeito a uma área científica que denominamos Análise da Relação Existencial. Seu nascimento inclui diálogo com a Psicologia Clínica que, para construir seu edifício científico, não se propôs, primeiro, a perguntar sobre a estrutura de ser do homem. Comandados pela consideração de que a natureza de ser do homem consiste em ser existência e não o cogito, psiquismo ou comportamento, envolvemo-nos com a tarefa de pensar um modelo *daseinsanalítico* e fenomenológico para investigação e intervenção prática, vale dizer, pensar as possibilidades de transporte de estruturas conceituais da Fenomenologia e Filosofia Existencial para Análise da Relação Existencial. Então, caracterizamos a ARE, estruturamos orientações paradigmáticas para investigar, formular teorias e agir. Quanto à metodologia, estruturamos métodos de fazer a análise clínica e de análise de sessões de análise. Este, permite, por um lado, elucidar e determinar o ofício do analista da relação existencial e, por outro, formar e treinar profissionais para realizá-lo. Nesta oficina, apresentaremos essa metodologia e seus fundamentos, e executaremos com os participantes, três dos itens que compõem seu esquema de orientações.

**Palavras Chaves:** Clínica Existencial Método Fenomenologia

## **Abstrat**

This work is related to a scientific area entitled Existential Relationship Analysis. It comes from a dialogue with Clinical Psychology which in order to build its scientific structure did not propose, at first, to enquire about the structural being of the human being. Based on the consideration that the nature of being of the human being consists in being existence rather than cogitation, psyches or behavior, we have taken on the task of coming up with a *daseinsanalítico* and phenomenological model of investigation and practical intervention. This means coming up with the possibility of relocating conceptual structures from Phenomenology and Existential Philosophy to Existential Relationship Analysis. Thus, we have characterized Existential Relationship Analysis, structured paradigmatic orientations for investigation, for formulation of theories and for action. Regarding the methodology we structured analysis methods for clinical and analysis sessions. This enables one not only to elucidate and determine the existential relationship analyst's job, but also to train and prepare professionals to perform this job. In this workshop, we will present this methodology and its foundations, and will execute three of the items that make up its set of orientations.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho funda-se em um projeto mais amplo que consiste em pensar um modelo teórico-metodológico científico que esteja em perfeito acordo com a estrutura de ser do homem: ser ente existente. Pensar modelo científico é pensar guias paradigmáticos, tendo uma concepção de homem como ponto de partida e um ponto de chegada. Nossa proposta consiste em elaborar guias paradigmáticos para uma área científica que lide com a Relação Existencial do homem com o mundo. Este é o nosso ponto de chegada. A concepção de homem que nos orienta é a analítica fenomenológica do *Dasein* desenvolvida por Martin Heidegger. O andamento desta proposta envolveu o diálogo com a metafísica moderna, Fenomenologia, Filosofia Existencial e Psicologia.

Se observarmos a forma como a Psicologia se constituiu, concluiremos que ela considerou o homem somente como um ente a mais entre todos os entes do mundo. O afã por

constituir-se como ciência independente da Filosofia e influência da mentalidade positivista moderna levaram-na a investigar por intermédio do modelo das Ciências Naturais. A Psicologia imitou o modelo de funcionamento dessas ciências, não se propondo, para construir seu edifício científico, primeiro, a perguntar sobre a estrutura de ser do homem.

Entendemos que o modelo científico-natural não ‘convém’ exatamente aos estudos do homem, quando esses estudos dizem respeito a seu *Dasein*.

Heidegger afirmou que

“[...] a Psicologia, Antropologia e Psicopatologia consideram o ser humano como objeto num sentido amplo, como algo presente, como uma área do ente [...]. Com isto, negligenciam a pergunta de como e o que é o homem como homem e o fato de que na verdade ele se relaciona fundamentalmente de acordo com seu ser com outros entes e consigo mesmo e de que isto, por sua vez, só é possível por ele compreender o ser.”.  
(2001: SZ, p. 176)

A Psicologia deixou a estrutura de ser do homem esquecida e predeterminou primeiro o psiquismo e, depois, o comportamento como seus objetos de estudo.

Na mesma época, em Filosofia, a Fenomenologia e a Filosofia Existencial novamente questionavam as bases dos conhecimentos e a estrutura de ser do homem e do mundo. Com isto, estabeleceram entendimentos revolucionários para as ciências humanas. Uma vez que investigar questões existenciais humanas é diferente de investigar os outros entes, os entendimentos dessas áreas são a nossa base.

O paradigma científico-natural cumpre suas tarefas condicionado pela concepção e metodologia de seu projeto epistemológico. Esta concepção determina que os objetos sejam observáveis diretamente e os procedimentos de pesquisa incluam experimentos, mensuração, quantificação e estabelecimento de leis gerais, etc.

Mas, as ciências humanas, exatamente em função da natureza de seu objeto de estudo, em algumas áreas, exigem outro modelo de investigação, aquisição e comprovação de conhecimentos, intervenção prática e formação de profissionais.

Nossa proposta consiste em não abandonar a estrutura de ser homem; ao contrário, partir do “fato de que ele se relaciona fundamentalmente de acordo com seu ser, com outros entes e consigo mesmo e de que isto [se dá por] ele compreender o ser”. (*ibidem*) Trabalhamos para o desenvolvimento de uma área científica cujo objeto de estudo diz respeito ao *Dasein*. Não estamos comprometidos com a compreensão científico-natural de mundo e de homem, mas com a interpretação analítico-fenomenológica da existência presente na Ontologia Fundamental de Heidegger. Nela, a existência foi esclarecida em sua estrutura e outra metodologia para tratar de questões a ela vinculada foi estabelecida. Com isso, horizontes especialíssimos para todas as ciências humanas e para uma clínica que se ocupe com a essência do homem -ser relação com – foram abertos.

A relação ocorre sempre já como modo de experiência do *Dasein* e supõe a compreensão do ser. Esta é a estrutura que fundamenta outros existenciais como: abertura, disposição de humor (afinação), temporalidade, espacialidade, ser-no-mundo e poder ser. Ser compreensão do ser significa compreender que nós somos, o mundo, as outras pessoas, as coisas, os acontecimentos são. É, também, compreender-nos como experiência significadora de mundo. Cada *Dasein* é, a cada vez, contato afinado - relação - consigo mesmo, com os objetos, com o próprio corpo, com o outro *Dasein* tendo sempre já compreendido isso. Estar-af-junto às coisas e acontecimentos e estar-com o outro *Dasein* é existir (1996: ST, p.257). Estar-af-junto e estar-com-o-outro são possibilitados pela compreensão do ser. Esta é a estrutura em que o ser-no-mundo se sustenta.<sup>1</sup> (1996: ST, pp.92-93). Ser relação com... também é fundado na estrutura ontológica abertura que consiste em “por em aberto”, deixar surgir o que vem a nosso encontro, os “entes ante os olhos”, “à mão” e o outro *Dasein*. (1996: ST, pp.101-102).

---

<sup>1</sup> Consiste em erro de compreensão igualar *Dasein* e ser-no-mundo. Ver Piccino, J. D. *As Críticas de Martin Heidegger A Daseinsanálise Psiquiátrica de Ludwig Binswanger*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2002

A partir desta concepção, trabalhamos no sentido de esclarecer a essência do existir cotidiano, suas relações com as estruturas ontológicas do *Dasein* e o modo fenomenológico de lidar com ele.

A compreensão de homem como relação cotidiana junto aos entes e com o outro *Dasein* fundada na compreensão do ser torna possível desenvolver um “repertório de conceitos que se destaquem essencialmente dos conceitos nos quais os entes alcançam sua determinação por meio de significações” (2001:SZ, p.104) e é base sólida para outra maneira de investigar, pesquisar e agir. Com ela, empenhamo-nos em instaurar possibilidades estruturalmente diferentes para a área científica que denominamos Análise da Relação Existencial. Comandados pela consideração de que a natureza de ser do homem é de uma especificidade sem par e, por isso, as teorias e atitudes metodológicas de investigação e prática devem ser condizentes com ela, realizamos as seguintes tarefas:

- rediscussão das questões: em que consiste a estrutura ôntica da relação existencial?; em que consiste o campo de estudo, fundamentos, teorias e metodologia dessa área científica?; como funciona o ofício do profissional?

- esclarecimento das relações entre as estruturas ontológicas do *Dasein* e suas formas de acontecerem no cotidiano,

- organização e método próprios de intervenção e ensino da prática em ARE

- estruturação de procedimentos compreensivos-interpretativos para investigação e análise de modos de cada *Dasein* se envolver com que vem a seu encontro e o interpela e responder à essa interpelação. Dos modos de ser envolvimento com, “imerso em afazeres, em acontecimentos, em assuntos [...]”(2003: CE, p.278). Lembremos que Heidegger afirmou: “a relação, com algo ou alguém, em que eu estou, sou eu”. (2001:SZ,p.202). Ou seja, em cada caso sou absorvido por aquilo com o que me relaciono, [...] “naquilo que [me] diz respeito no momento. [Dedicação] àquilo que [me] diz respeito” (2001: SZ, p.183).

Com estes procedimentos, ao contrário da ciência natural que observa o homem como algo simplesmente presente na natureza e não atinge seu ser-homem, nós podemos fugir de “determinar o ser-homem por meio de um método que absolutamente não foi projetado em relação à sua essência peculiar”. (2001: SZ, p. 53)

A frase “método que não foi projetado em relação ao seu ser” condensa as questões de nossa proposta.

Nós observamos a relação existencial para encontrar, por intermédio das formas de “dedicar-se àquilo que [lhe] diz respeito” (2001: SZ, p.183), a estrutura de ser de nosso analisando.

Ser relação com... no âmbito do aberto e da compreensão do ser é fundamento da constituição das formas particulares de ser de cada pessoa e de nossa ARE. Agimos, no sentido de compreender-interpretar o que cada pessoa é, a partir de suas relações cotidianas. Porque as relações são os modos como cada *Dasein* estar na lida cotidiana, resolver coisas, cuidar de si mesmo e dos outros, de ser com as outras pessoas, com as coisas, com os acontecimentos, etc, por intermédio delas, cada um se revela tal como é. Isto determina o foco do analista existencial: os modos como cada *Dasein* se relaciona com o que o interpela.

O *Dasein*, diz Heidegger, age de forma “puramente fenomenal”, isto é, assim como se relaciona no momento. “O *quem*, esgota-se em cada caso justamente nos modos de relacionamento em que me encontro justamente agora”(2001:SZ,p.182). Sendo assim, no que diz respeito à metodologia, temos que deixar os fenômenos falarem por si mesmos. Esta forma fenomenológica de investigar, por não impedir o acesso ao que é tal como é, permite que o analista se aproprie do que é mais peculiar e essencial da estrutura da existência cotidiana de seus analisandos. Ela convém à lida com dores emocionais, com o que são e como são formas de ser do *Dasein* cotidiano com o mundo como depressão, alegria, hostilidade, insegurança, tédio, etc. Também neste ponto, em oposição à ciência natural, defendemos o exercício de “outra maneira de ver frente ao causalismo positivista e ao exclusivo contar sobre o efeito”. (2001:SZ, p. 270).

Ao lidar com as maneiras cotidianas de ser-no-mundo de nossos analisandos, agimos no sentido de deixar aparecer, “por no claro” (1996: ST, p.174) a coisa mesma, segundo o exercício da:

“mesma simples visão do essencial impronunciado, mas constantemente interpelador. [do] permanecer junto ao mesmo, despertar o sentido do simples [que] não é correr apressado de um progresso para o próximo e insistir em resultados úteis”. (2001:SZ, p. 275).

Em ARE, temos nos empenhado em conhecer as formas de se relacionar de nossos clientes de maneira a estabelecer conceituações e metodologias que surjam da coisa mesma, ou seja, visem seu essencial. Do contrário, nosso trabalho procuraria causas e seria, como a Psicologia e outras ciências estritamente teórica e conceitual.

A ARE, então, nos coloca no âmbito de questões ôntico-ontológicas e determina modos fenomenológicos de explicitação. Conhecer e agir de maneira científica em ARE, portanto, exige que o analista, a cada vez, ponha o essencial do que aparece de seu analisando. em liberdade, explicita suas estruturas existenciárias de ser-no-mundo já compreendendo o ser e estabeleça os passos a serem seguidos segundo modos de explicitação fenomenológicos.

## **OBJETIVO**

A partir da caracterização ‘do que é’ e ‘como é’ a ARE e o ofício de analista da relação existencial, apresentaremos um sistema de análise de sessões de ARE que é instrumento para compreender os procedimentos do analista, o processo do analisando em sua análise e para formar e treinar profissionais neste ofício. Apresentaremos a metodologia do sistema de análise e, por intermédio de atividades práticas, executaremos três dos itens que dele fazem parte: nº 1, 2 e 12.

Em função da proposta de estabelecer possibilidades de transporte de estruturas conceituais da Fenomenologia e Filosofia Existencial para Análise da Relação Existencial, desde os anos 1980 estudamos os alcances dessas áreas filosóficas e estruturamos suportes e orientações paradigmáticas para investigar, formular teorias, agir e formar analistas da relação existencial. Trabalhamos sempre no plano de fundamentos que estivessem em conformidade com a estrutura de ser do *Dasein* e formulamos a ARE. Com o objetivo de instrumentizá-la quanto a aspectos metodológicos, estruturamos também formas clínicas de analistas do existir lidarem com a relação existencial e metodologia de avaliação de suas análises. Desenvolvemos com esta metodologia, formas de perscrutar os atendimentos para entender as atitudes e os encaminhamentos realizados pelo analista, verificar as relações entre o que ele faz e fundamentos teóricos e metodológicos e estabelecer orientações claras e legítimas para sua prática.

No primeiro momento, nossa pergunta era: se, por estarmos afinados com a concepção de homem e mundo da Filosofia Existencial e método fenomenológico, não seguimos os ditames da Psicologia instituída, em que consiste nossa prática profissional?

A solução para este problema foi gravar e transcrever sessões e, a partir de material fidedigno, elucidar a estrutura teórica e metodológica de nossa forma de atender. Gravamos, aproximadamente, 180 sessões individuais e grupais. Em função de algumas circunstâncias, nas sessões grupais, passamos a ter um psicólogo observador para fazer as gravações e transcrições. Mas as análises das sessões eram realizadas em conjunto pelo observador e terapeuta. A princípio, nosso objetivo era elucidar a estrutura teórica e metodológica da atuação do terapeuta para aperfeiçoá-la. Vale dizer que, com isso, a própria ARE era também aperfeiçoada.

Como, em paralelo, cada vez mais aprofundávamos nossos estudos em Filosofia Existencial e Fenomenologia, ao longo do caminho, obtivemos conhecimentos e instrumentos necessários para estruturar: a) a Análise da Relação Existencial e b) um Sistema de Análise das sessões de Análise da Relação Existencial.

### **a)-Análise da Relação Existencial**

Consiste em tematização e análise da estrutura de ser da pessoa que se mostra por intermédio de modos de relação com o que vem a seu encontro e a interpela de maneira irrecusável. Isto significa que o analista que faz ARE realiza a “visão do essencial impronunciado” das maneiras do analisando constituir vínculos com o mundo. Ele perscruta as minúcias inclusas no que a

pessoa apresenta para destacar os modos fundamentais de suas relações acontecerem e trazê-los à luz. Sempre no sentido de elucidação fenomenológica torna esses modos temas de sua análise. Por intermédio de descrições fenomenológicas, torna evidente a estrutura dos modos de relação e pode, então, de forma isenta e legítima, apresentá-los ao analisando. Como cada pessoa é a relação em que está, a elucidação sobre modos de se relacionar é a fonte, também, de sua estrutura de ser.

Embora estas tarefas sejam as mais fundamentais, o analista não deixa também de procurar a gênese dos fenômenos e maneiras possíveis de gerar modificações dos modos de afinações transtornados com o mundo ou que trazem desacertos, sofrimentos e relacionamentos conturbados. De qualquer maneira, sua atitude envolve sempre pensar e agir de maneira fenomenológica - “visão direta do fenômeno” -, que, por representar a concepção de que tanto pesquisas quanto intervenções devem receber orientação da natureza do objeto, são a base da ARE.

Ao mesmo tempo que estabelecemos a estrutura da ARE, acrescentamos ao trabalho de análise das sessões, a elaboração de um esquema de cada sessão em que os conteúdos trazidos pelos clientes e as intervenções do terapeuta podiam ser evidenciados. Com este material, passamos a fazer sessões devolutivas semestrais ou anuais para apresentar, a cada analisando o andamento de seu processo.

Ao longo do caminho, entendemos também que este sistema, anexado ao aprendizado da concepção fenomenológico-existencial de ser humano, podia ser um instrumento muito eficaz para formação de analistas da relação homem-mundo.

Desta forma, além dos benefícios que esse procedimento podia oferecer ao analista e aos analisandos, ele foi re-estruturado para servir, ainda, para análise avaliação do trabalho do analista em formação e seu treinamento.

#### **b) Sistema de Análise de ARE. Tarefas**

1. Gravar e transcrever as sessões
2. Análise dos conteúdos do(s) clientes e estruturação da temática geral da sessão.
3. Esquematização da “direção” da sessão: apresentar os passos definidores da evolução da sessão do início até o fim - desdobramentos inclusos no conteúdo inicial incluindo as intervenções do analista -, e possíveis temáticas decorrentes.
4. Apontar direção(ões) que o analista poderia ter dado ao processo, mas não o fez.
5. Apontar aspecto(s) que não poderia(m) ser elaborado(s) na sessão, mas que, por ser(em) importante(s), deve(m) ser trabalhado(s) no futuro.
6. A partir das análises realizadas pelo analista, estabelecer relações entre os acontecimentos da análise e os fundamentos teóricos e atitudes metodológicas (estruturas da existência, conceitos existenciais e fenomenológicos).
7. Dar cinco exemplos de como as estruturas do existir estão presentes no conteúdo trazido pelo analisando, e de como o analista trabalhou com elas.
8. Apontar “aproximação(ões)” e “recurso(s)” em cinco situações analíticas.
9. Indicar a etapa do processo do analisando a partir do texto “Etapas essenciais...”.
10. Anotar cinco atitudes fenomenológicas do analista. Caracterizar cinco atitudes não fenomenológicas. (Vermelho: atitudes fenomenológicas; azul: não fenomenológicas).
11. Detectar psicopatologias e transtornos existenciais e atitudes do analista para com elas.
12. Elaborar duas descrições fenomenológicas de experiências do analisando
13. Definir os rumos que a análise deve seguir. Justificar.

(Alguns itens do esquema dizem respeito a aspectos não relacionados neste trabalho. De qualquer modo, somente alguns deles serão apresentados na oficina).

### **DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**

I) Apresentação por multimídia dos fundamentos teóricos e metodológicos, objetivos, características do ver fenomenológico e da estrutura funcional do sistema de análise da ARE.

II) Atividade prática (Para garantir produtividade, faremos atividades interativas: digitaremos, na hora, os resultados dos trabalhos dos participantes que, ao mesmo tempo, projetaremos por multimídia)

Os participantes receberão resumos da participação de quatro clientes de uma mesma sessão grupal de ARE. A partir desse material:

1) divididos em quatro subgrupos irão:

- destacar seus elementos essenciais incluídos nos resumos
- farão uma análise comparativa entre as várias formas de se relacionar que encontrarem no relato e estabelecerão uma ‘temática’ que represente o analisando;

2) em um só grupo, formularão

- um painel com as quatro ‘temáticas’,
- um esquema da evolução da sessão,
- análise comparativa das quatro temáticas e esquema evolutivo da sessão,
- uma única temática que agregue o acontecimento de todo o grupo.

Neste processo, o coordenador retomará alguns conceitos fundamentais da concepção existencial de homem e orientará para que as análises sejam descritivo-fenomenológicas, isto é, sejam uma visão que não impede o acesso ao fenômeno e mostrará como o esquema pode ser instrumento para aprender a ser analista.

## **PADRÕES DE ABREVIACÕES**

ZS Os Seminários de Zollikon

ST Ser e o Tempo

CHD As Críticas de Heidegger A Daseinsanálise Psiquiátrica de Ludwig Binswanger.

CE Corpo e Existência

## **REFERÊNCIAS**

HEIDEGGER, Martin. *Os Seminários de Zollikon*, Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* - Parte I e II, 4a. Ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

PICCINO, D. Josefina. *As Críticas de Martin Heidegger A Daseinsanálise Psiquiátrica de Ludwig Binswanger*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2002.

DAGMAR, Souza Pinto de Castro; et al. “Corpo e Existência”, São Bernardo do Campo: UESP: FENPEC, 2003.